

Reflexões junguianas acerca do transtorno de personalidade narcisista

Mirele Faria SILVA¹

Pricilla BUZZACHERA²

¹Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR. Curitiba/PR, Brasil.

²Universidade da Região de Joinville – Univille. Joinville/SC, Brasil.

Resumo

O assunto narcisismo popularizou-se de forma significativa nos últimos anos, o que contribuiu tanto para a disseminação do tema quanto para a divulgação de informações equivocadas. Diante disso, este estudo, elaborado por meio de revisão de literatura, teve como intuito compreender a formação do complexo narcisista e seu representante arquetípico: o mito de Narciso. Foram abordados os princípios fundamentais da estrutura da psique, além de se relembrar o mito, explanar o surgimento da consciência a partir de sua relação com o mito e examinar as manifestações narcísicas apresentadas por Jacoby. De acordo com os tópicos abordados, a pessoa com manifestações narcísicas, comumente, possui uma ferida psíquica que se inseriu desde a infância, denotando a relevância da existência do estabelecimento de vínculos adequados dos cuidadores com a criança, pois os primórdios de tais feridas podem ser encontrados na relação com os cuidadores. Há também uma semelhança entre algumas expressões do complexo narcísico e o complexo materno negativo, todavia é importante ressaltar que não são equivalentes. Dentre as manifestações da ferida é possível encontrar a raiva narcísica, a agressividade, a distorção da imagem e o temor da rejeição, além da significativa dificuldade de manter vínculos saudáveis e adequados com outras pessoas. Tais expressões têm como base o fato de que a pessoa com ferida narcísica direciona seu investimento de energia ao ego e não ao

Conflito de interesses:

As autoras declaram não haver nenhum interesse profissional ou pessoal que possa gerar conflito de interesses em relação a este manuscrito.



Recebido: 10 abr 2025; Última revisão: 03 out 2025; Aprovado: 03 nov 2025; Aprovado para publicação: 22 dez 2025.

Self, o que ocasiona uma visão distorcida de sua imagem, impossibilitando também que a energia seja dirigida aos outros, pois não consegue reconhecer a realidade. Conclui-se o quanto é imprescindível que o profissional de psicologia aprofunde seus conhecimentos referentes a essa temática. Ressalta-se que o quadro diagnóstico constitui um agrupamento de características afins, sem que se deva, portanto, limitar o sujeito ou a atuação profissional, dado que cada um carrega consigo sua subjetividade.

Descritores

Mitologia, complexo, narcisismo.

Jungian Reflections on Narcissistic Personality Disorder

Abstract

The topic of narcissism has gained significant popularity in recent years, contributing to both the spread of the subject and the dissemination of incorrect information. In response, this study was conducted through a literature review with the aim of understanding the formation of the narcissistic complex and its archetypal representative: the myth of Narcissus. The study covered the fundamental principles of the structure of the psyche, revisited the myth, explored the emergence of consciousness in relation to the myth, and examined the narcissistic manifestations described by Jacoby. According to the topics discussed, individuals with narcissistic manifestations commonly have a psychic wound originated in childhood, highlighting the importance of the existence of appropriate bonds between caregivers and the child, as the roots of such wounds can often be found in the relationship with caregivers. There is also a resemblance between some expressions of the narcissistic complex and the negative maternal complex; however, it is important to note that they are not equivalent. Among the manifestations of the wound are narcissistic rage, aggressiveness, distortion of self-image, and fear of rejection, as well as significant difficulty in maintaining healthy and appropriate relationships with others. These expressions are based on the fact that a person with a narcissistic wound directs their energy investment toward the ego rather than the Self, resulting in a distorted self-image and preventing the energy from being directed toward others, causing the person to remain trapped in this cycle as they are unable to recognize reality. The conclusion recognizes the essential need of psychology professionals to deepen their understanding of this topic, given the increasing demand and popularization of the subject. It is emphasized that the

diagnostic framework constitutes a grouping of related characteristics and should not limit the individual or professional practice, as each one carries their own subjectivity.

Descriptors

Mythology, complex, narcissism.

Reflexiones junguianas sobre el trastorno de personalidad narcisista

Resumen

El tema del narcisismo se ha popularizado de manera significativa en los últimos años, lo que contribuye tanto a la difusión del tema como a la divulgación de información errónea. Ante esto, el estudio se llevó a cabo mediante una revisión de literatura con el objetivo de comprender la formación del complejo narcisista y su representante arquetípico: el mito de Narciso. Se abordaron los principios fundamentales de la estructura de la psique, además de recordar el mito, explicar el surgimiento de la conciencia a partir de su relación con el mito y examinar las manifestaciones narcisistas presentadas por Jacoby. De acuerdo con los temas tratados, la persona con manifestaciones narcisistas comúnmente tiene una herida psíquica que surgió en la infancia, denotando la relevancia de establecer vínculos adecuados entre los cuidadores y el niño, ya que los orígenes de tales heridas pueden encontrarse en esta relación. También hay similitudes entre algunas expresiones del complejo narcisista y el complejo materno negativo; sin embargo, es importante subrayar que no son equivalentes. Entre las manifestaciones de la herida se pueden encontrar la rabia narcisista, la agresividad, la distorsión de la imagen y el temor al rechazo, además de una significativa dificultad para mantener vínculos saludables con otras personas. Estas expresiones se basan en el hecho de que la persona con herida narcisista dirige su energía al ego y no al Self, lo que ocasiona una visión distorsionada de su imagen, imposibilitando que la energía sea dirigida a los demás, ya que no puede reconocer la realidad. Se concluye que es imprescindible que el profesional de psicología profundice sus conocimientos sobre esta temática, ya que el diagnóstico debe ser un agrupamiento de características afines sin limitar al sujeto o la actuación profesional, pues cada uno lleva consigo su subjetividad.

Descriptoros

Mitología, complejo, narcisismo.

Introdução

O tema do narcisismo tem-se popularizado exponencialmente. A facilidade de acesso a esse assunto contribui tanto para o entendimento, quanto se criam ainda mais mal entendidos ou entendimentos superficiais. É comum deparar-se nas redes sociais com vários conteúdos a respeito de mães e/ou relacionamentos com pessoas narcisistas. Há um grande perigo, contudo, na forma como tais conteúdos são divulgados, considerando que podem não ter como base o conceito correto ou apresentam falta de conhecimento adequado.

Diante disso, o presente estudo visou compreender a formação do complexo narcisista e seu representante arquetípico: o mito de Narciso. Considera-se extremamente relevante a realização deste estudo, tanto para aumentar a produção de conhecimento científico, quanto para fornecer material de apoio à atuação do profissional de psicologia.

Metodologia

O trabalho foi desenvolvido por meio de revisão narrativa de literatura. Essa metodologia foi escolhida porque permite explorar tópicos essenciais para compreender a temática. Foram abordados os princípios fundamentais da estrutura da psique, além da rememoração do mito, da explanação sobre o surgimento da consciência, a partir de sua relação com o mito, e do exame das manifestações narcísicas apresentadas por Jacoby (1985/2023). A escolha desses tópicos deu-se pelo interesse em aprofundar o assunto, ademais, o texto publicado por Jacoby (1985/2023) esboça o tema de forma ampla, a partir da concepção da psicologia analítica. Trata-se de uma obra recente, que envolve aspectos do panorama atual, assim como apresenta importantes pontos de referência para a compreensão da pessoa que sofre pela ferida narcísica e para o diagnóstico clínico.

Resultados

De acordo com os dados encontrados na realização do estudo, identificou-se que, na abordagem elaborada por Jung, o conceito de inconsciente exerce função fundamental para a compreensão da psique humana, incluindo também seus componentes correspondentes ao inconsciente pessoal e coletivo: os complexos e arquetípos. Nesse cenário, os mitos, por sua vez, constituem uma representação simbólica extremamente relevante.

Embora os mitos se refiram a processos inerentes ao desenvolvimento da psique, a estagnação em alguma fase desse processo pode desencadear sofrimento. Por conseguinte, o estado narcísico faz-se presente nesse processo, porém, pode vir a retratar algum dano quando o desenvolvimento não ocorre de maneira adequada e saudável, resultando em feridas psíquicas.

A pessoa com manifestações narcísicas, comumente, possui uma ferida psíquica que se inseriu desde a infância. Dentre as manifestações da ferida, é possível encontrar a raiva narcísica, a agressividade, a distorção da imagem e o temor da rejeição, além da significativa dificuldade em manter vínculos saudáveis com as outras pessoas. Tais expressões baseiam-se no fato de que a pessoa com ferida narcísica direciona seu investimento de energia ao ego e não ao *Self*, isso ocasiona uma visão distorcida de sua imagem e impossibilita também que a energia seja dirigida aos outros.

Discussão

Princípios fundamentais da estrutura da psique

Para a psicologia analítica, teoria criada e desenvolvida por Carl Gustav Jung (1875–1961), a psique é considerada como uma totalidade em si mesma, abrangendo conteúdos conscientes e inconscientes, esses últimos formados por inconsciente pessoal e coletivo.

Stein (1998/2009) discorre que, para a psicologia analítica, a consciência constitui um campo caracterizado por um estado de compreensão e conhecimento dos acontecimentos externos e internos, isso corresponde também a permanecer atento e diligente com o intuito de apreender os eventos ao redor.

De acordo com Stein (1998/2009), no centro do campo da consciência está o ego, um complexo que se relaciona tanto com os conteúdos conscientes, quanto com os conteúdos inconscientes, de forma que a comunicação com o ego é o que torna qualquer conteúdo consciente. Diante disso, o ego atuante como centro da consciência possibilita a noção de um “eu”; é o ego que assume o controle sobre os aspectos conscientes em grande parte do tempo desperto.

O inconsciente, por sua vez, abrange todos os elementos psíquicos que, por qualquer motivo ou duração, não se encontram na consciência (Stein, 1998/2009). Conforme Jung (1928/2008, p. 129, destaques do autor):

em sua totalidade o inconsciente compreende não só os materiais **reprimidos**, mas todo material psíquico que subjaz ao limiar da consciência. (. . .) sabemos, além disso, tanto por uma farta experiência como por razões teóricas, que o inconsciente contém todo o material que **ainda não** alcançou o limiar da consciência. São as sementes de futuros conteúdos conscientes. Temos também razões para supor que o inconsciente jamais se acha em repouso, estando sempre empenhado em agrupar e reagrupar as chamadas fantasias inconscientes. Só em casos patológicos tal atividade pode tornar-se relativamente autônoma; de um modo normal ela é coordenada com a consciência, numa relação compensatória.

Jung (1916/1980) compreende que “[o] inconsciente pessoal contém lembranças perdidas, reprimidas (propositalmente esquecidas), evocações dolorosas, percepções que, por assim dizer, não ultrapassaram o limiar da consciência” (p. 59). No inconsciente pessoal estão localizados os complexos, os quais constituem “um grupo de imagens relacionadas entre si, que tem um acento emocional comum e que se formam em torno de um núcleo arquetípico” (Hall, 1992, p. 39).

Compreende-se que os complexos são formados pelas experiências vividas desde o nascimento e podem ser positivos ou negativos. São carregados de energia psíquica e capazes de provocar perturbações na consciência, isto é, quando um complexo é acionado, consome energia e alcança a consciência, assumindo o controle temporário dela (Stein, 1998/2009).

Para melhor compreensão, observa-se o que foi apresentado por Stein (1998/2009, pp. 43-45):

(. . .) quando estimulada, essa rede de material associado – formada por lembranças, fantasias, imagens, pensamentos – gera uma perturbação na consciência. Os indicadores de complexo são os sinais de perturbação.

(. . .) Os resultados de seus experimentos convenceram Jung de que há, de fato, entidades psíquicas fora da consciência, as quais existem como objetos que, semelhantes a satélites, gravitam em torno da consciência do ego, mas são capazes de causar perturbações no ego de uma forma surpreendente e, por vezes, irresistível. São os diabretes e demônios interiores que podem pegar uma pessoa de surpresa. As perturbações causadas por complexos devem ser diferenciadas, compreensivelmente, das perturbações

provocadas por fatores estressantes oriundos do meio ambiente externo, embora possam estar, e com frequência estejam, intimamente relacionadas umas com as outras.

Quando um complexo está acionado, de acordo com Stein (1998/2009), a vivência da pessoa é de perda de controle diante de suas emoções e comportamento, por isso, age de forma irracional. Os complexos podem ser acionados por situações, palavras e eventos externos ou internos, segundo Stein (1998/2009, p. 53):

(. . .) o estímulo que provoca o complexo pode ser insignificante ou grande, de longa ou breve duração, mas os seus efeitos sobre a psique podem continuar por extensos períodos de tempo e chegar à consciência em ondas de emoção ou ansiedade. (. . .) Não obstante, cumpre reconhecer que um complexo nunca pode ser completamente eliminado.

De acordo com Jung (1928/2008), da mesma forma que o sujeito é um ser social, a psique humana também possui uma parte coletiva, o que é perceptível por meio da manifestação semelhante entre temas e expressões, mesmo que em distintas populações e épocas:

(. . .) a função mental possibilitada é coletiva e universal. Assim é que se explica o fato de que os processos inconscientes dos povos e raças mais afastados apresentem uma correspondência impressionante que se manifesta, entre outras coisas, pelos temas e formas mitológicas autóctones. A semelhança universal dos cérebros determina a possibilidade universal de uma função mental similar. Tal função é a psique coletiva (. . .) (Jung, 1928/2008, p. 133).

Para Jung (1928/2008), a psique coletiva constitui a parcela fundada e herdada da psique, a qual atua de modo impessoal. Silveira (1968/1981) corrobora ao explicar que o inconsciente coletivo consiste nos níveis mais profundos da psique e envolve os fundamentos estruturais, que são os mesmos para todas as pessoas.

Jung (1959/2014) considera que os elementos do inconsciente coletivo jamais estiveram na consciência, assim, sua aquisição não ocorreu de modo individual, mas de forma hereditária. O conteúdo do inconsciente coletivo são os arquétipos, possíveis de serem verificados por meio das imagens arquetípicas. O conceito de arquétipo “indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar” (Jung, 1959/2014, pp. 51-52).

Segundo Silveira (1968/1981), Jung compara os arquétipos com o sistema de formação dos cristais, que determina a estrutura

crystalina, contudo, não determina sua essência e não possui existência própria. Verifica-se o conceito abordado por Jung:

sempre deparo de novo com o mal-entendido de que os arquétipos são determinados quanto ao seu conteúdo, ou melhor, são uma espécie de "ideias" inconscientes. Por isso devemos ressaltar mais uma vez que os arquétipos são determinados apenas quanto à forma e não quanto ao conteúdo, e no primeiro caso, de um modo muito limitado. Uma imagem primordial só pode ser determinada quanto ao seu conteúdo, no caso de tornar-se consciente e portanto preenchida com o material da experiência consciente. Sua forma, por outro lado, como já expliquei antes, poderia ser comparada ao sistema axial de um cristal, que pré-forma, de certo modo, sua estrutura no líquido-mãe, apesar de ele próprio não possuir uma existência material. Esta última só aparece através da maneira específica pela qual os íons e depois as moléculas se agregam. O arquétipo é um elemento vazio e formal em si, nada mais sendo do que uma *facultas praeformandi*, uma possibilidade dada a priori da forma da sua representação. O que é herdado não são as ideias, mas as formas, as quais sob esse aspecto particular correspondem aos instintos igualmente determinados por sua forma (Jung, 1959/2014, pp. 86-87, destaques do autor).

A descoberta do inconsciente coletivo foi essencial para a psicologia analítica, pois evidenciou que a psique não resulta somente da experiência pessoal, e incluiu esse campo transpessoal que se expressa "em padrões e imagens universais, tais como os que se podem encontrar em todas as mitologias e religiões do mundo" (Edinger, 1989/2020, p. 19). Além disso, Jung expôs que o inconsciente coletivo possui um princípio organizador, que corresponde ao arquétipo central denominado *Self* ou si-mesmo:

o Si-mesmo é o centro ordenador e unificador da psique total (consciente e inconsciente), assim como o ego é o centro da personalidade consciente. Ou, dito de outra maneira, o ego é a sede da identidade subjetiva, ao passo que o Si-mesmo é a sede da identidade objetiva. O Si-mesmo constitui, por conseguinte, a autoridade psíquica suprema, mantendo o ego submetido ao seu domínio. (. . .) como há dois centros autônomos do ser psíquico, o vínculo existente entre eles assume importância capital. A relação entre o ego e o Si-mesmo é altamente problemática e corresponde, de maneira bastante aproximada, à relação entre o homem e seu Criador, tal como é descrita na mítica religiosa. O mito pode ser visto, na verdade, como expressão simbólica da

relação entre o ego e o Si-mesmo. Muitas vicissitudes do processo de desenvolvimento psicológico podem ser entendidas em termos de modificação da relação existente entre o ego e o Si-mesmo nos vários estágios do desenvolvimento psíquico (Edinger, 1989/2020, pp. 19-20).

É extremamente relevante, nesse ponto, abordar a relação entre o ego e o *Self* para melhor entendimento da análise do mito e de suas manifestações na personalidade. Edinger (1989/2020) afirma que a etapa anterior à fase adulta possui a função de desenvolvimento do ego, o que envolve o gradual distanciamento entre o ego e o *Self*, entretanto, na vida adulta a função abrange uma aproximação da conexão entre o ego e o *Self*. Uma representação circular de separação e união entre ego e *Self*, todavia, pode expressar de forma mais adequada a conexão existente no eixo ego-*Self*, “essa fórmula cíclica (ou melhor, em forma de espiral) parece exprimir o processo básico de desenvolvimento psicológico do nascimento à morte” (Edinger, 1989/2020, p. 22).

O mito de Narciso

Dada a breve introdução acerca da estrutura da psique, neste momento é importante lembrar o mito de Narciso. Apresentamos a narrativa de Cavalcanti (1992/2003) por sua abordagem concisa:

Ovídio é considerado o mais antigo narrador do mito Narciso (. . .). Em suas *Metamorfoses*, ele conta que Narciso é fruto da união forçada pelo deus-río Céfiso com a ninfa Líriope. Narciso nasceu com uma extraordinária beleza, o que deixa Líriope preocupada com seu destino, e a leva a consultar o adivinho Tirésias. Líriope pergunta ao “mantes” se Narciso teria vida longa, ao que ele responde: “Sim, somente se ele não se conhecer”.

Ovídio também liga o destino de Narciso ao da ninfa Eco. Ela fica perdidamente apaixonada por Narciso e o segue de longe em suas caçadas, mas é incapaz de expressar o seu amor. Eco, na descrição de Ovídio, não possui voz própria; ela só pode repetir as últimas palavras pronunciadas por Narciso. Eco foi privada por Hera, a esposa de Zeus, como castigo, porque Eco a distraía com sua tagarelice enquanto Zeus se dedicava às suas conquistas amorosas com outras ninfas. Descobrendo o estratagema de Eco, Hera a pune, condenando-a a repetir as últimas sílabas das palavras que ouvia. Por isso Eco não podia expressar seu amor por Narciso.

Um dia Narciso consegue perceber que alguém repete suas últimas palavras, e pergunta por que ela o evita,

chamando-a para conhecê-lo. Mas o que ele ouve de volta é somente o eco de suas próprias palavras. Desesperada, Eco tenta abraçar Narciso, que a repele dizendo: “Para longe com seus braços, eu prefiro morrer a deixar que você me toque”. Sentindo-se rejeitada, Eco esconde sua face envergonhada entre as folhagens, e a partir desse dia passa a morar sozinha em cavernas, até que, sofrendo as torturas do amor rejeitado, se transforma em pedra e somente o lamento de sua voz permanece. Outras pessoas rejeitadas por Narciso invocam a justiça dos céus, e pedem que Narciso se apaixone e que também seja rejeitado no seu amor.

Nêmeses ouve essas súplicas e resolve atender a esses pedidos. Um dia Narciso está caçando, sente sede, e, para se saciar, inclina-se sobre uma fonte de águas cristalinas. Bebe e fica encantado pelo belo reflexo que vê. Narciso se apaixona pela imagem de si mesmo refletida na água. Por um momento, ele acredita estar apaixonado por alguém divinamente belo. E ele tenta abraçar e beijar essa imagem, mas não consegue. Em outro momento ele reconhece que essa imagem é um reflexo dele mesmo: “Oh! Eu sou ele”. Percebe o absurdo dessa paixão, mas essa revelação não é suficiente para afastá-lo da fonte. Ele permanece fixado em seu próprio reflexo. Narciso morre no lago, e ainda hoje se olha nas águas do rio Styx. E, no lugar do seu corpo, nasce uma flor de pétalas brancas com um centro amarelo (Cavalcanti, 1992/2003, pp. 21-22 destaques do autor).

Segundo Cavalcanti (1992/2003), um contemporâneo de Ovídio, chamado Cónon, apresenta uma versão diferente do mito: Narciso se mata diante da fonte, por acreditar que Eros o está punindo, pela sua rejeição daqueles que haviam se apaixonado por ele. Nesse cenário, a flor narciso eclode do sangue espalhado de Narciso.

Pausânias apresenta duas versões do mito: na primeira, Narciso olhou para as águas da fonte e, por não saber que se tratava de si mesmo no reflexo, inconscientemente se apaixonou e faleceu de amor ao lado da fonte; na segunda, Narciso teria uma irmã gêmea, por quem ele se apaixona. Após a morte da irmã, toda vez que via seu reflexo na fonte, apesar de saber que estava vendo a si mesmo, fantasiava que se tratava da imagem de sua irmã. Com relação à flor de narciso, Pausânias diz que ela já existia antes mesmo de Narciso (Cavalcanti, 1992/2003).

Mito de Narciso e o surgimento da consciência

A análise dos mitos constitui um meio de acesso à alma humana. Jung demonstra em sua teoria que as disposições arquetípicas dos processos de desenvolvimento manifestam-se de forma simbólica nos mitos (Cavalvanti, 2003).

Para Cavalcanti (1992/2003), os mitos apresentam os processos de desenvolvimento psíquico e demonstram os entraves e as possibilidades para que o ciclo se complete, “as duas polaridades do mito estão presentes, o negativo e o positivo, com valências equivalentes. Todo mito traz em si mesmo a potencialidade da cura e da doença” (Cavalcanti, 1992/2003, p. 18). Diante disso, a estagnação em alguma fase do mito resulta em doença, já que esta é compreendida como a deformação do processo.

Ainda segundo Cavalcanti (1992/2003), ao tomar como base o mito de Narciso, o processo de desenvolvimento psíquico relacionado envolve o nascimento da consciência, o surgimento do ego e da identidade e a ampliação da consciência no decorrer da individuação; também diz respeito à saída da condição de indiferenciação com o *Self*, à construção da consciência, à concepção do eu e da identidade e às adversidades que podem se fazer presentes durante o processo de individuação.

Cavalcanti (1992/2003) afirma ainda que, quando o assunto é narcisismo, um dos principais aspectos envolvidos trata da relação com o outro. O mito destaca a dificuldade nos relacionamentos com os outros e a relevância da construção dessas relações no desenvolvimento do ser. Desse modo, os erros que interferirem nesse processo podem contribuir para a formação de distúrbios narcísicos da personalidade.

O mito “explicita as dimensões simbólica, arquetípica e psicológica da questão do narcisismo e de sua polaridade complementar, o ecoísmo” (Rubini, 2020, p. 43). Conforme Brandão (1987, p. 178), para a compreensão do mito, é necessário salientar que “Narciso e Eco estão em relação dialética de opostos complementares, não só de masculino e feminino, mas sobretudo de sujeito e objeto, de algo que permanece em si mesmo e de algo que permanece no outro.”

Ainda de acordo com esse autor, o erro letal de Narciso foi a seleção de seu objeto de amor. Desse modo, a narrativa do mito chama atenção para o direcionamento dos impulsos do amor, que deve ser dirigido ao outro. “Nesse caso, a **libido** deixa de se dirigir ao objeto, ao ‘outro’, e retroage a uma atividade endopsíquica: assim, Narciso teria cometido um como que incesto intrapsíquico” (Brandão, 1987, p. 183, destaque do autor). O

desfecho, portanto, é a elucidação de que o amor de Narciso corresponde a um amor ao ego e não a um outro.

Todo arquétipo contém em si a potencialidade para a sanidade ou a doença, desse modo, o mito de Narciso inclui tanto o potencial para a formação da consciência quanto para suas adversidades. O personagem Narciso equivale ao ego e a sua batalha para nascer e se fortalecer. Narciso possui uma origem sobre-humana, ou seja, uma origem arquetípica, assim como a consciência e o ego também possuem origem arquetípica, visto que seu nascimento decorre do *Self* (Cavalcanti, 1992/2003).

De acordo com Lowen (1983/2017, p. 33, destaque do autor), “[d]eve-se evitar a confusão ou identificação do ego com o *Self*. O ego não é o *Self*, embora seja a parte da personalidade que o percebe. Na realidade, o ego representa a autoconsciência ou consciência do *Self*”. Lowen (1983/2017) complementa que o ego não está separado do *Self*, visto que há uma conexão entre ambos. Uma condição saudável pressupõe que haja “uma aceitação e uma identificação com o corpo e com suas sensações” (Lowen, 1983/2017, p. 34), contudo, essa aceitação está ausente nas pessoas com feridas narcísicas, pois, o investimento da energia psíquica está direcionado ao ego e não ao *Self*.

O processo de individuação, segundo Cavalcanti (1992/2003), demanda que ocorra uma diferenciação do ego-*Self* e a formação de uma identidade egóica, de modo a evitar que o ego confunda-se com o *Self*. Nesse cenário, um ego maduro e bem estabelecido deve conseguir manter um vínculo simbólico com o *Self* e com o mundo. O processo de desenvolvimento acarreta feridas inerentes à progressão e, nesse contexto, a separação entre o ego e o *Self* constitui uma dessas feridas. Ao tomar como base as personalidades narcísicas, observa-se que elas possuem feridas demasiadamente profundas denominadas “feridas narcísicas” (Cavalcanti, 1992/2003, p. 171).

Segundo Rubini (2020, p. 42), existe uma conexão nítida entre as:

feridas psíquicas com as formulações teóricas do narcisismo, uma vez que o conceito se refere a um processo fundante da relação do indivíduo com seu mundo interno e externo e que perdura ao longo de toda a vida. Qualquer abalo que se inscreva nesse processo pode ser vivenciado e registrado psiquicamente como ferida.

Na psicologia analítica as feridas psíquicas relacionam-se diretamente com a formação dos complexos que ocupam o inconsciente pessoal. “Certos complexos surgem depois de experiências dolorosas ou desagradáveis na vida do indivíduo. São

experiências pessoais, de natureza emocional, que deixam feridas psíquicas duradouras atrás de si" (Jung, 1947/2000, p. 124).

Rubini (2020) afirma que, quando o sujeito vivencia algo que lhe causa significativo sofrimento, tal experiência ocasionará uma ferida psíquica, que irá se agregar com outros elementos inconscientes toda vez que o ego não conseguir lidar com tais conteúdos associados. "Aquilo que se manifesta como sintoma, como incômodo e que muitas vezes se refere a antigas dores, acontecimentos, nossas feridas psíquicas, é a insistência de algo desconhecido (inconsciente) em sinalizar que 'alguma coisa está fora da ordem'" (Rubini, 2020, p. 48, destaque do autor).

Manifestações do narcisismo

Após a explanação anterior, passamos ao exame das manifestações do narcisismo apresentadas na obra de Jacoby (1985/2023). A escolha por abordar esse texto deu-se pelo fato de o autor descrever de maneira aprofundada as manifestações narcísicas com base na perspectiva da psicologia analítica.

Conforme Jacoby (1985/2023), os mitos são presenças vivas na psique das pessoas e se expressam por meio das experiências e comportamentos; portanto, deve-se fazer o questionamento acerca do termo "pessoa narcisista", tendo em vista que o mito de Narciso exerce uma função de extrema relevância na psique de todos.

Jacoby (1985/2023) afirma que para abordar os transtornos narcisísticos são necessários três pontos de referência: critérios relevantes para reconhecer o diagnóstico; empatia para entender o mundo interior das pessoas que possuem feridas narcísicas; e compreensão do contexto psicodinâmico do transtorno, bem como de sua formação na psique do sujeito. Tais pontos de referência serão abordados separadamente:

O diagnóstico dos transtornos narcisísticos

Com relação ao primeiro ponto de referência:

(. . .) em 1912, Jung que não recorreu ao uso da expressão "transtornos ou desordens narcisísticos", não obstante definiu a neurose como uma "divisão do si-mesmo" (OC 7/1, apêndice). Em sua opinião, transtornos psíquicos em geral resultam de uma falta de harmonia entre a atitude consciente centrada no eu e as tendências pertencentes à totalidade da personalidade. Em outras palavras, por uma razão ou outra, o eu tem-se alienado do si-mesmo mais profundo; como resultado,

não vivemos uma vida que corresponde ao nosso ser total (Jacoby, 1985/2023, p. 293, destaques do autor).

Visto que os transtornos narcisísticos comumente interferem na percepção da identidade e autoestima do sujeito, é plausível que estejam presentes em praticamente todos os transtornos psíquicos, em diferentes níveis de gravidade. Percebe-se que a oscilação na percepção de identidade e autoestima será vivenciada por todas as pessoas, portanto, para fins de diagnóstico diferencial, faz-se necessário compreender a gravidade dos aspectos narcisísticos e se eles estabelecem a estrutura básica da personalidade ou se somente fazem parte de outras manifestações (Jacoby, 1985/2023).

Na elaboração de sua teoria, Jung não enfocou o estabelecimento de critérios diagnósticos, visto que seu interesse principal consistia na observação do inconsciente. Desse modo, sua preocupação estava direcionada à busca de respostas acerca de como funciona e se manifesta a psique inconsciente, como se modifica, como ocorre seu desenvolvimento e como se comunica com a consciência. Diante desses questionamentos, Jung fez uso das imagens transmitidas pelo inconsciente por meio do conteúdo simbólico presente nos mitos, contos de fadas, fantasias, sonhos, dentre outros. Essa característica da teoria reforça a percepção da pessoa em sua totalidade e um menor foco na análise dos sintomas isolados (Jacoby, 1985/2023).

Os transtornos narcisísticos, segundo Jacoby (1985/2023), podem se expressar mediante uma amplitude de variações e formas e, por esse motivo, é importante que a atuação profissional e a abordagem teórica não sejam rígidas e inflexíveis. Muitos pacientes que possuem transtornos narcisísticos experienciam algum sofrimento relacionado à autoestima, além de timidez, significativa adaptação e elevada autocrítica, o que os induz a serem "as 'vítimas' de tormentos provocados por seu próprio 'si-mesmo ostentoso'" (Jacoby, 1985/2023, p. 305, destaque do autor). Diante disso, ressalta-se o quanto é essencial o profissional atentar-se ao fato de que está diante de pessoas que sofrem de algum tipo de desequilíbrio; e o diagnóstico constitui tão somente um recurso que possibilita a investigação para melhor adequação de tratamento.

O mundo interior das pessoas com feridas narcísicas

Conforme abordado no tópico anterior, o enquadramento de diagnósticos constitui tentativas de classificação das dores e conflitos das pessoas em grupos categóricos. Nesse cenário, é importante que o profissional de psicologia esteja apto para verificar qual é o padrão patológico implícito.

Do mesmo modo, deve-se prosseguir para identificar as diversas vivências subjetivas que resultam dos ferimentos narcisísticos, contudo, as feridas devem ser compreendidas por meio da empatia e a conclusão do diagnóstico deve ser colocado em segundo plano, visto que o objetivo primordial é a apreensão da experiência subjetiva do sujeito. Caso ocorra a inversão dos objetivos, há um risco de se generalizar o sofrimento em uma categoria genérica relacionada aos transtornos narcísicos e perder, dessa forma, a compreensão das particularidades (Jacoby, 1985/2023).

Embora existam as delimitações mencionadas, é relevante abordar o modo como os transtornos narcísicos podem se apresentar. Jacoby (1985/2023) explana que, em concordância ao mito de Narciso, o tema centralizado no ferimento narcísico relaciona-se ao espelho e ao espelhamento. Ao contrapor ao mito, no entanto, as pessoas que possuem significativo sofrimento narcísico não vivenciam uma obstinação em sua própria imagem, mas apresentam uma tendência de apreender sua autoimagem de forma adulterada. Ademais, o entendimento distorcido que possuem da autoimagem pode dificultar o surgimento de um novo olhar diante do espelho. Isso demonstra a incapacidade de vivenciar o espelhamento cotidiano fornecido pelo ambiente em concordância à imagem realista:

(. . .) o fato de nossa autoimagem ser relativamente impérvia à influência exterior pode ser devido a uma defesa inconsciente contra seu polo compensatório. Se, por exemplo, minha autoimagem negativa for abalada por alguém que, de forma inesperada, expressa amor e apreço por mim, corro o risco de ser 'engolido' pelo assim chamado si-mesmo ostentoso. (. . .) Quaisquer dúvidas sérias que forem lançadas sobre a autoimagem ostentosa do indivíduo podem provocar intensos medos ligados ao risco de completo colapso em seu senso de identidade e autoestima. Embora vários matizes e modulações sejam observáveis com frequência, a autoimagem permanece relativamente fixada em torno de uma perspectiva distorcida (Jacoby, 1985/2023, pp. 308-309, destaque do autor).

O transtorno narcísico constitui-se sobretudo de uma incapacidade do sujeito em vivenciar o espelhamento recíproco com os outros de forma apropriada e não distorcida; tal espelhamento é essencial para a construção do senso de identidade. Nesse contexto, nenhum relacionamento com o outro aparenta ser apto a oferecer o espelhamento adequado, visto que o espelho que os outros fornecem é constantemente rejeitado,

porque não atende às expectativas das pessoas com ferimentos narcísicos (Jacoby, 1985/2023).

Raramente as pessoas com feridas narcísicas conseguem estabelecer relações espontâneas e, muitas vezes, reinterpretem as interações conforme sua concepção distorcida da autoimagem, o que gera uma demasiada lacuna entre a percepção que possuem de si e a percepção das outras pessoas, consequentemente, tendem a se sentir incompreendidas e excluídas (Jacoby, 1985/2023).

Verifica-se, então, uma oscilação entre depressão e ostentação, em que um dos dois modos habitualmente predominará:

as pessoas que sofrem do tipo de ostentação que é comumente chamada "narcisística" são compelidas a investir grandes quantidades de energia em defender-se contra qualquer coisa que possa colocar sua ostentação em questão. Como consequência, elas tornam-se dependentes de uma infalível "gratificação narcisística" da parte de seu ambiente. Em geral se descobrirá um desequilíbrio meio trágico em sua "economia psíquica", na medida em que inconscientemente atribuem seu valor mais elevado a um traço especial da personalidade ou a um talento especial que parecem possuir. Tendem, por outras palavras, projetar o si-mesmo (em sentido junguiano) sobre determinados traços pessoais e não são capazes de distinguir sua integridade como seres humanos de tal atributo especial, idealizado ao extremo. (. . .) a vulnerabilidade narcisística de pessoas ostentosas não é, portanto, brincadeira: a mínima ofensa pode provocar nelas um sentimento de pânico, visto que experimentam toda a sua personalidade a ruir como um castelo de cartas (Jacoby, 1985/2023, pp. 311-312, destaque do autor).

Nesses casos de ostentação narcísica, as pessoas identificam-se inconscientemente com o *Self* ostentoso:

psicodinamicamente falando, o si-mesmo ostentoso pode ser interpretado de várias maneiras. (. . .) em casos de ostentação narcisística, as pessoas identificam-se com o si-mesmo ostentoso (pelo menos até certo ponto) de forma inconsciente, embora elas ainda sejam capazes de manter suas funções de teste de realidade. (Uma identificação absoluta e acrítica com o si-mesmo ostentoso resultaria em megalomania psicótica.) Entretanto, a maioria das pessoas que sofrem de transtornos narcisísticos defende-se simultaneamente contra as fantasias ostentosas. Dessa forma, encontram-se na desagradável situação de ansiar por admiração e,

ao mesmo, tempo temê-la. Sempre que se tornam conscientes de que estão recebendo admiração, seu desconforto é tão grande que impede a satisfação de quaisquer desejos oriundos do si-mesmo ostentoso (Jacoby, 1985/2023, pp. 317-318).

Segundo Jacoby (1985/2023), também há uma hipersensibilidade diante das respostas das outras pessoas, resultando em consideráveis obstáculos para desenvolver e manter relacionamentos. Nesse cenário, qualquer decisão e atitude pode acarretar sentimentos de rejeição e frustração, caracterizando um tipo de gatilho para a manifestação de intensas crises de raiva.

A denominada raiva narcísica evidencia-se frente a todo e qualquer indício de possibilidade de rejeição ou de espelhamento insatisfatório das outras pessoas. Ou seja, a raiva manifesta-se sempre que a pessoa narcísica precisa entender que o mundo não será como ela deseja e que as vontades do *Self* ostentoso são, na verdade, impotentes (Jacoby, 1985/2023).

Na raiva narcísica há um elemento totalmente irracional, visto que ela decorre de uma perspectiva narcísica do mundo, a qual condiz com a "realidade unitária da criança" (Jacoby, 1985/2023, p. 334), em que não há distinção entre os mundos psíquico e objetivo, isto é, a raiva narcísica é totalmente autocentrada, não demonstra raciocínio lógico nem imparcialidade. Embora essa raiva esteja arraigada na perspectiva narcísica do mundo, as pessoas que se veem tomadas por ela não demonstram capacidade de sentir empatia diante das justificativas da outra pessoa que desencadeou a crise raivosa. Desse modo, podem enfrentar ainda mais rejeição por parte dos outros, o que, conseqüentemente, favorece a intensificação da raiva (Jacoby, 1985/2023).

As pessoas, segundo Jacoby (1985/2023), permanecem aprisionadas em um círculo vicioso, em que demandam dos outros o reconhecimento e a admiração e se sentem rejeitadas pelo fato de os outros não atenderem a essas expectativas. A rejeição aumenta ainda mais o desejo de reconhecimento. Observa-se também que muitas pessoas com feridas narcísicas podem ser demasiadamente cativantes e, assim, tornam-se excessivamente exigentes. Esse poder cativador pode ter se desenvolvido na primeira infância, com o intuito de atender às demandas narcísicas de seus pais.

Ademais, é comum que pessoas com ferimentos narcísicos apresentem uma defesa em oposição às demonstrações de empatia, visto que a empatia conduz à proximidade com os outros e isso, para elas, denota o perigo em se fundir com o outro e sentir sua identidade dissolvida. Tal fato ocorre quando, na primeira infância, tais pessoas precisaram se defender de traumas advindos

de figuras parentais não empáticas; conseqüentemente, o filho pode apresentar significativa dificuldade no desenvolvimento do sentimento de empatia ou em receber empatia dos outros. Percebe-se que, quanto menos estável for o senso de identidade, mais será necessário protegê-lo das influências externas (Jacoby, 1985/2023).

Há também as pessoas com feridas narcísicas que aparentam ter uma capacidade infinita de demonstrar empatia pelos outros, porém, ao verificar de forma mais profunda, percebe-se que possuem significativa dificuldade em delimitar seu próprio ego e denotam foco em expressar empatia pelo sofrimento dos outros, enquanto continuam desconectadas de suas próprias necessidades (Jacoby, 1985/2023). Nesse contexto, parece que satisfazer suas próprias vontades e carências pode ser visto com desaprovação, o que resulta em sentimento de culpa. Pessoas que sofrem com esse tipo de ferimento narcísico comumente tiveram pais que não conseguiram se ajustar às necessidades do filho. Por conseguinte, o filho, desde um estágio muito imaturo de desenvolvimento, precisou se adequar às demandas dos pais (Jacoby, 1985/2023).

Contexto psicodinâmico do transtorno

Por fim, para abordar o último ponto de referência, Jacoby (1985/2023) faz uma exposição sobre o desenvolvimento psíquico e às funções desempenhadas pelos cuidadores do sujeito em sua fase infantil, visto que o desenvolvimento saudável está estritamente relacionado ao fato de a pessoa cuidadora ser apta a demonstrar empatia pelas necessidades da criança, além de aceitação e acolhimento.

Os diversos modos de manifestações dos transtornos narcísicos normalmente decorrem da ausência de suporte para atender às demandas da criança. Quando os comportamentos espontâneos da criança não são espelhados de maneira suficiente e satisfatória, a criança sente-se rejeitada. Em virtude de o *Self* da criança ainda se encontrar indiferenciado da mãe, a aversão irá se enraizar como uma intensa autorrejeição (Jacoby, 1985/2023).

A maior parte das fantasias de onipotência infantil, conforme Jacoby (1985/2023), é reprimida como resultado da rejeição vivida. Dessa forma, tais fantasias não amadurecem e não são integradas à consciência, sem contribuir para o desenvolvimento de uma visão realista, ou seja, tais fantasias permanecerão no inconsciente presas em um nível primitivo.

Comumente esses prejuízos, durante o desenvolvimento da criança, decorrem de situações em que a própria mãe sofre de

transtorno narcísico, assim, ela somente "será capaz de perceber e aceitar a criança como parte de seu próprio si-mesmo e se sentirá pessoalmente ferida por qualquer tentativa da criança de resistir às suas ideias e exigências" (Jacoby, 1985/2023, p. 343).

Para Jacoby (1985/2023), há uma discussão entre os psicólogos junguianos a respeito do conceito do transtorno narcísico, uma vez que ele encaixa-se com a experiência de um complexo materno negativo. Diante desse fato, é importante abordar a teoria dos complexos com base no complexo materno negativo.

Conforme mencionado nos tópicos anteriores, todo complexo possui uma raiz arquetípica. A base do complexo materno é o arquétipo materno, que apresenta uma diversidade de manifestações:

todos estes símbolos podem ter um sentido positivo, favorável, ou negativo e nefasto. (. . .) Isto significa que não é apenas da mãe pessoal que provêm todas as influências sobre a psique infantil descritas na literatura, mas é muito mais o arquétipo projetado na mãe que outorga à mesma um caráter mitológico e com isso lhe confere autoridade e até mesmo numinosidade (Jung, 1959/2014, pp. 88-89).

Embora o núcleo arquetípico ofereça todas as possibilidades maternas, é no desenvolvimento do complexo que as experiências negativas com a mãe são registradas e continuarão sendo ao longo da vida. Dessa forma, o complexo materno negativo é decorrente de circunstâncias em que as demandas arquetípicas naturais não foram atendidas de forma satisfatória e/ou suficiente. No decorrer das experiências, o complexo tende a se fortificar e a interferir em muitas instâncias da vida psíquica (Jacoby, 1985/2023).

Jung (1959/2014) afirma que as repercussões do complexo materno são distintas quando comparados o filho e a filha. No filho, tal complexo não é puro, diante da diferença de sexo, portanto, resulta em efeitos na sexualização. Enquanto na filha, o complexo pode provocar o aguçamento ou a inibição do instinto feminino.

Dentre os desdobramentos do complexo materno negativo possíveis de encontrar no homem, há a prisão inconsciente do elemento heterossexual na figura da mãe ou a busca inconsciente pela mãe em toda mulher com quem este homem se envolve. Uma vez que a mãe é a primeira mulher com a qual o filho tem contato, é inevitável que influencie o desenvolvimento da masculinidade deste, bem como seu gradativo conhecimento sobre os aspectos femininos (Jung, 1959/2014).

Enquanto que, na filha, o complexo materno negativo:

gera uma hipertrofia do feminino ou então uma atrofia do mesmo. A exarcebação do feminino significa uma intensificação de todos os instintos femininos, e em primeiro lugar do instinto materno. O aspecto negativo desta é representado por uma mulher cuja única meta é parir. (. . .) A sua própria personalidade também é de importância secundária; frequentemente ela é mais ou menos inconsciente, pois a vida é vivida nos outros e através dos outros, na medida em que, devido à inconsciência da própria personalidade, ela se identifica com eles (Jung, 1959/2014, p. 93).

Nas situações em que não há a hipertrofia do feminino, pode acontecer a exarcebação do eros, que “provoca uma ênfase anormal sobre a personalidade do outro” (Jung, 1959/2014, p. 94), ou até mesmo, “uma identificação com a mãe e um bloqueio da própria iniciativa feminina” (Jung, 1959/2014, p. 95). Segundo Jung (1959/2014), essas três possibilidades de manifestação do complexo materno negativo estão conectadas por meio de estágios intermediários e, nesse cenário, existe ainda outra opção, caracterizada pelo “exemplo típico do complexo materno negativo. Seu lema é: qualquer coisa menos ser como a mãe!” (Jung, 1959/2014, p. 97).

Segundo Jacoby (1985/2023), à medida que um complexo materno negativo fortifica-se e torna-se crônico, o sujeito pode viver com o sentimento de falta de confiança, tanto em si próprio quanto no mundo externo. Como consequência, ocorre uma autoexclusão do ambiente e autorrejeição, visto que tais pessoas comumente apresentam dificuldade em manter relacionamentos devido a suas expectativas de constante rejeição, ademais “são geralmente hipersensíveis a toda nuance no comportamento dos outros, propensas a interpretar a mais leve dissonância como rejeição ou ofensa” (Jacoby, 1985/2023, pp. 347-348).

Desse modo, as outras pessoas dificilmente serão percebidas de forma realista, pois o sujeito com a visão distorcida influenciada pelo complexo, perceberá os outros “como partes de um ‘arquétipo’ que rejeita ou devora uma ‘Grande Mãe’” (Jacoby, 1985/2023, p. 347, destaques do autor). Ainda de acordo com Jacoby (1985/2023), tais pessoas frequentemente mostram demasiada sensibilidade a qualquer variante comportamental dos outros, interpretando como rejeição ou insulto.

Outro sintoma decorrente de um complexo materno negativo relaciona-se com a agressividade descontrolada:

na maioria das pessoas, o traço de agressividade, em si uma função necessária do instinto vital, não foi suficientemente integrado na personalidade e colocado sob controle consciente. (. . .) mais adiante na vida, a agressão incontrolada, suscetível a explodir à mais leve provocação, e a intensa inveja de todos aqueles “que se deram tão bem” são geralmente sintomas de um complexo materno enraizado em um relacionamento primordial transtornado (Jacoby, 1985/2023, p. 348).

É necessário contudo, segundo Jacoby (1985/2023), compreender que a imagem interior da mãe não decorre somente de uma introjeção da mãe pessoal, também há a contribuição das fantasias arquetípicas da criança. Dito isso, é possível verificar a intensidade e a severidade de um transtorno, ao identificar a natureza dos elementos maternos destrutivos, isto é, se tais elementos referem-se a aspectos arquetípicos e impessoais ou a características da mãe pessoal.

De acordo com Jung (1959/2014, p. 89):

os efeitos etiológicos, isto é, traumáticos da mãe devem ser divididos em dois grupos: primeiro, os que correspondem à qualidade característica ou atitudes realmente existentes na mãe pessoal. Segundo os que só aparentemente possuem tais características, uma vez que se trata de projeções do tipo fantasioso (quer dizer, arquetipo) por parte da criança.

Diante do exposto, é relevante retornar à discussão acerca do transtorno narcísico e sua aproximação com o complexo materno negativo. Segundo Jacoby (1985/2023), apesar de ambos possuírem diversos sintomas e manifestações análogos, não podem ser considerados como idênticos, visto que foram verificados a partir de concepções distintas. Enquanto o transtorno narcísico da personalidade refere-se à dificuldade do sujeito em relação à autopercepção e a autoimagem, o complexo materno negativo, por sua vez, diz respeito ao modo como a imagem maternal negativa pode interferir na subjetividade do sujeito. Ainda que o transtorno narcísico possua fundamentos em um complexo materno negativo, o mesmo complexo pode constituir as raízes para outros transtornos e distúrbios psíquicos (Jacoby, 1990/2023).

É pertinente averiguar o papel do pai na formulação do transtorno narcísico. Na grande maioria dos casos, verifica-se que a relação com o pai não foi adequada e que ele se manteve em segundo plano ou causou medo nos filhos. De toda forma, a criança não encontra meios de apoio no pai para suprir a mãe dominadora e, em decorrência, a pessoa ferida narcisicamente tende a possuir uma sensação de desorientação interna (Jacoby, 1985/2023).

De acordo com Jacoby (1985/2023, pp. 355-356):

a necessidade de fundir-se com um si-mesmo-objeto idealizado sobrevive na forma de um anseio inconsciente; pode, por exemplo, encontrar essa expressão na escolha de um parceiro amoroso que só está esperando para ser idealizado. (. . .) o desejo de fundir-se com um si-mesmo-objeto idealizado pode também manifestar-se de outra maneira, a saber, no associar-se do indivíduo a um grupo com uma ideologia religiosa ou política. Às vezes isso pode assumir dimensões perigosas dado o fato de que quanto mais arcaico for o intenso desejo de fusão do indivíduo, menos ele será capaz de usar sua capacidade crítica. Ele pode, assim, ser vítima de ideologias fanáticas que prometem, em nome de um ideal elevado, a realização dos impulsos mais primitivos.

Com base no exposto, percebe-se que a carência do relacionamento adequado, tanto materno quanto paterno, tem potência para desencadear os transtornos narcísicos da personalidade, já que prejudica o desenvolvimento satisfatório do senso de identidade. Em grande parte das situações, os pais também apresentam sofrimento psíquico narcísico e, mesmo que de modo involuntário, dificultam o processo de desenvolvimento emocional dos filhos (Jacoby, 1985/2023).

Considerações finais

A análise minuciosa dos tópicos explorados permitiu a percepção de que o assunto apresenta maior profundidade, que não se esgota pela interpretação aqui utilizada, pois, este estudo caracteriza um recorte específico e não uma abordagem completa.

Desse modo, o trabalho viabilizou a ampliação do conhecimento, assim como proporcionou a análise de tópicos essenciais para a compreensão das manifestações dos complexos da pessoa com ferida narcísica, bem como a exploração do mito a partir da perspectiva da psicologia analítica.

Diante de todo o exposto, evidencia-se o quanto é imprescindível que o profissional de psicologia aprofunde seus conhecimentos, tendo em vista a crescente demanda e popularização do assunto. É primordial que o embasamento teórico e científico forneça suporte para a atuação profissional, visando a evitar uma conduta fundamentada em outros meios que não seja o ético. Por fim, ressalta-se que o quadro diagnóstico constitui um agrupamento de características e não deve, portanto, limitar o sujeito ou a atuação

profissional, dado que cada um carrega consigo suas particularidades.

Referências

- Brandão, J. S. (1987). *Mitologia grega*. Vozes.
- Cavalcanti, R. (2003). *O mito de Narciso: o herói da consciência*. Rosari. (Trabalho original publicado em 1992).
- Edinger, E. F. (2020). *Ego e arquétipo: uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung* (2a ed.). Cultrix. (Trabalho original publicado em 1989).
- Hall, J. A. (1992). *A experiência junguiana: análise e individuação* (2a ed.). Cultrix.
- Jacoby, M. (2023). *Individuação e narcisismo: a psicologia do si-mesmo em Jung e Kohut*. Vozes. (Trabalho original publicado em 1985).
- Jung, C. G. (1980). *Psicologia do inconsciente* (OC, Vol. 7/1). Vozes. (Original publicado em 1916).
- Jung, C. G. (2000). *A natureza da psique* (OC, Vol. 8/2, 5a ed.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1947).
- Jung, C. G. (2008). *O eu e o inconsciente* (OC, Vol. 7/2, 21a ed.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1928).
- Jung, C. G. (2014). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (OC, Vol. 9/1, 11a ed.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1959).
- Lowen, A. (2017). *Narcisismo: a negação do verdadeiro Self*. Summus. (Trabalho original publicado em 1983).
- Rubini, R. (2020). Feridas psíquicas, Jung e o narcisismo. *Junguiana*, 38(1), 41-56. Recuperado em 01 de dezembro de 2025, de https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252020000100003.
- Silveira, N. (1981). *Jung: vida e obra* (7a ed.). Paz e Terra. (Original publicado em 1968).
- Stein, M. (2009). *Jung: o mapa da alma: uma introdução* (7a ed.). Cultrix. (Trabalho original publicado em 1998).

Minicurrículos:

Mirele Faria Silva – Pós-graduação em Psicologia Analítica: Teoria e Prática pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR; graduação em Psicologia pela PUC-PR. Curitiba/PR. E-mail: psicologamirelefarisilva@gmail.com

Pricilla Buzzachera – Mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR; especialização em Psicologia Analítica e Religião Ocidental e Oriental pelo Instituto de Psicologia e Religião de Curitiba; especialização em Saúde Mental, Psicopatologia e Psicanálise pela PUC-PR; graduação em Psicóloga pela Faculdade de Psicologia de Joinville. Analista Junguiana pelo Instituto Junguiano do Paraná – IJUPR. Fundadora e coordenadora do Curso de Especialização em Psicologia Analítica pela Universidade da Região de Joinville – Univille. Diretora do Instituto Junguiano de Santa Catarina. Joinville/SC, Brasil.